

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA EM INOVAÇÃO – CEPI

Bate-papo | Educadores e Internet

Mesa 3. Como envolver a comunidade para formação em cultura digital?



FICHA TÉCNICA

Bate-papo | Educadores e Internet

Mesa 3. Como envolver a comunidade para formação em cultura digital?

Autoras:

Rosa Lamana (SEDUC SP/EFAPE)

Taís Bento (SOS Educação)

Roberta Bento (SOS Educação)

Renata Ferraz (Fundação Lemann)

Transcrição: Grupo Steno

Edição e revisão do texto:

Deíse Camargo Maito (CEPI FGV Direito SP)

Guilherme Forma Klafke (CEPI FGV Direito SP)

Este produto é resultado do projeto “**Formação de Educadores em Direitos Humanos Digitais**”, realizado pelo Centro de Ensino e Pesquisa em Inovação – CEPI FGV Direito SP e pelo Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR – NIC.br.

EQUIPE DO PROJETO

Coordenação:

Marina Feferbaum (CEPI FGV Direito SP)

Kelli Angelini (NIC.br)

Líder de Pesquisa: Guilherme Forma Klafke (CEPI FGV Direito SP)

Pesquisadora: Deíse Camargo Maito (CEPI FGV Direito SP)

São livres para fins não comerciais o download, cópia e distribuição deste arquivo. Também está autorizada a reprodução parcial do texto, desde que sem alterações e com citação da fonte.



Este documento é uma transcrição dos debates acontecidos no Bate-papo | Educadores e Internet, um evento online de três dias, de 07/06/2021 a 09/06/2021, composto por seis mesas que trataram sobre diversos assuntos de interesse dos educadores. O evento é uma realização da pesquisa “**Formação de Educadores em Direitos Humanos Digitais**”, realizada pelo CEPI em parceria com o NIC.br.

A terceira mesa do evento teve como tema-norteador “**Como envolver a comunidade para formação em cultura digital?**” e foi composta por:

Moderadora: Rosa Lamana (Formadora SEDUC SP/EFAPE). Professora de Educação Básica I e II da SEDUC-SP. Especialização em Tecnologias em Educação - Formação de Professores PUC/RJ. Mestre em Educação: Currículo – Novas Tecnologias em Educação PUC/SP. Líder Educação Aberta/Cátedra da Unesco/UNB/Educa digital. Foi membro colaborador da Comissão de Educação Digital da OAB/SP. Atualmente é integrante da Escola de Formação de Profissionais da Educação da SEDUC-SP, do grupo de pesquisa Comunidade Práxis e uma das idealizadoras da plataforma Pilares do Futuro.

Participantes: Taís e Roberta Bento (Especialistas na Relação Família-Escola e fundadoras do SOS Educação). São especialistas na relação Família e Escola. São mãe e filha, educadoras e Fundadoras do SOS Educação, projeto nas redes sociais e internet que ajuda pais e escola a melhorar a relação dos filhos com os estudos. São também autoras do livro “Socorro, meu filho não estuda!” e, como palestrantes, viajam o país ajudando escolas a se conectar com as famílias. Escrevem a coluna Escola da Revista Pais&Filhos e o site faz parte do site do Estadão.

Participante: Renata Ferraz (Coordenadora da área de Políticas Educacionais na Fundação Lemann). Formada em Direito e mestre em Educação pela Universidade de São Paulo.



As demais mesas do evento foram as seguintes:

Mesa 1. Como elaborar um currículo para cultura digital?

Mediadora: Marina Feferbaum (CEPI FGV Direito SP)

Expositoras: Débora Garofalo (SEDUC-SP) e Lúcia Dellagnelo (CIEB)

Mesa 2. Como implementar um currículo para cultura digital?

Mediadora: Grace K. Gonçalves (Colégio Miguel de Cervantes)

Expositores: Herbert Lima (Secretário da Educação de Sobral/CE), Rodrigo Nejm (SaferNet Brasil) e Guilherme Alves (SaferNet Brasil)

Mesa 4: Como formar cultura digital de maneira inclusiva?

Mediadora: Daniela Costa (Cetic.br | NIC.br)

Expositores: Rodrigo H. Mendes (Instituto Rodrigo Mendes) e Eliane Leite (Uzoma Diversidade, Educação e Cultura)

Mesa 5: Como criar atividades sobre cultura digital?

Mediador: Guilherme F. Klafke (CEPI FGV Direito SP)

Expositoras: Verônica Cannatá (Colégio Dante Alighieri) e Mariana Ochs (EducaMídia)

Mesa 6: Como proteger a comunidade escolar contra violações de direitos no ambiente digital?

Mediadora: Kelli Angelini (NIC.br)

Expositores: Karolyne Utomi (Kaosu e Rigopoulos Sociedade de Advogados), Maíra Bosi (Instituto Alana) e Pedro Hartung (Instituto Alana)



MESA 3. COMO ENVOLVER A COMUNIDADE PARA FORMAÇÃO EM CULTURA DIGITAL?

APRESENTADORA: DEÍSE CAMARGO MAITO: Boa tarde. Sejam todas e todos bem-vindos ao Bate-papo Educadores e Internet. Este evento é correalizado pelo Centro de Ensino e Pesquisa em Inovação, CEPI, FGV Direito SP e o Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, NIC.br. Ele é voltado para toda a comunidade escolar, principalmente educadores, professores, coordenadores e gestores. As manifestações expressas por integrantes dos quadros da Fundação Getúlio Vargas e por convidados representam exclusivamente as opiniões de seus autores, não necessariamente a posição da instituição.

Como foi dito ontem, a BNCC estabelece um tratamento transversal da cultura digital, articulando-a com outras dimensões na prática que aparecem. Nosso cenário atual de pandemia aumentou a presença da Internet e da tecnologia em nossas vidas. Portanto, é fundamental que a sociedade, já informatizada, debata o uso seguro, consciente e responsável da Internet como ferramenta para o exercício da cidadania, reconhecendo a escola, educadores e educadoras como agentes fundamentais neste debate. Este evento é uma atividade do projeto Formação de educadores em direitos humanos digitais, existente desde 2019, fruto da parceria do CEPI com o NIC.br. É um programa de formação em direitos humanos digitais para educadores do ensino médio e do ensino fundamental 2. O projeto já disponibilizou 16 cursos on-line e gratuitos, autoinstrucionais sobre o uso consciente e responsável da Internet. Acesse o nosso site e confira.

Quero chamar a atenção para o fato de que atualmente o projeto está trabalhando na construção de um repositório de casos sobre direitos humanos digitais. Com o objetivo de compartilhar situações envolvendo direitos humanos digitais que acontecem com educadores, estudantes e a comunidade escolar no geral. O repositório contará com



exemplos de casos, orientações sobre como agir em situações semelhantes, vídeos com especialistas comentando sobre eles e o guia interativo de orientação sobre direitos humanos digitais. Entre em contato conosco no e-mail do CEPI que disponibilizaremos no chat e faça parte do projeto você também. Agora eu chamo para mediar a terceira mesa do nosso evento a Profa. Rosa Lamana, formadora da Escola de Formação de Profissionais da Educação da Secretaria de Educação do estado de São Paulo. Seja bem-vinda, professora, a palavra é sua.

MODERADORA: ROSA LAMANA: Obrigada, Deise. Boa tarde a todos e todas. Estamos aqui para conversar mais um pouquinho a respeito dessa cultura digital. Muitos de nós talvez tenhamos vindo de uma era analógica, mas nós entramos na era digital. Onde nós compramos, vendemos, reclamamos, compartilhamos informações, nos relacionamos. Enfim, parece que sem tecnologia estamos fadados ao fim. Será? Talvez não. Mas de uma coisa eu tenho certeza: a gente precisa, neste atual momento, dessa tecnologia que amplia tanto as nossas possibilidades.

Mas, para que possamos ampliar cada vez mais as nossas possibilidades, é necessário ter formação. Mas que tipo de formação nós estamos falando? Como conseguir envolver a comunidade para uma formação cultural? Sobre isso nós conversaremos hoje. E para isso nós temos três convidadas maravilhosas. A Taís e a Roberta Bento, mãe e filha. São educadoras e orientadoras de famílias na relação com a escola, fundadoras da SOS Educação, site de educação do portal Estadão e responsáveis pela coluna Escola da revista Pais&Filhos. São autoras do livro Socorro, meu filho não estuda e membros do conselho acadêmico da Universidade de Simon Fraser, no Canadá. A Taís é formada em marketing pela Fundação Armando Álvares Penteado e em educação pela USP. Já a Roberta é formada em letras. E as duas também são formadas em neurociência cognitiva pela universidade de San Diego. Muito boa tarde para a Taís e para a Roberta. Tudo bom com vocês?



PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: Boa tarde. É um prazer estar aqui com vocês.

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: Boa tarde.

MODERADORA: ROSA LAMANA: Que bom. Nós temos também a Renata Ferraz, que é coordenadora de políticas educacionais e é formada em direito e mestre em educação pela USP. Tudo bom, Renata?

PARTICIPANTE: RENATA FERRAZ: Tudo bom, Rosa. Oi, Taís, oi, Roberta. É um prazer estar aqui.

MODERADORA: ROSA LAMANA: O prazer é todo meu de ter vocês aqui e estar aqui com vocês, viu? Então vamos conversar um pouquinho hoje sobre como a gente pode envolver, então, a comunidade nessa questão da cultura digital nos dias de hoje. Queria ouvir, fazer o bate-papo aqui com vocês, ouvir um pouquinho vocês. As meninas do SOS Educação querem começar a fala?

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: Sim.

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: Podemos.

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: Queremos. Porque nós temos acompanhado de perto o grande desafio que as famílias estão vivendo já há algum tempo quando a sala da casa de cada família se tornou também a sala de aula dos alunos.

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: A gente está no momento em que as próprias famílias estão percebendo o quanto elas precisam de ajuda nessa educação de cultura digital.

Até antes da pandemia existia um mito que muitos pais acreditavam, pensavam, de que se a escola colocasse mais tecnologia na hora do ensino, os alunos iam se envolver mais. Muitos pais falavam: “Ai, porque a geração do meu filho já é uma geração muito



conectada. E a escola está muito diferente disso, em um outro mundo, por isso que meu filho não se envolve com os estudos”.

E, de repente, todo mundo teve a tecnologia como a salvação e o meio de conseguir chegar até os alunos. E muitos pais perceberam que era um mito achar que bastava inserir a tecnologia lá que tudo ia se resolver. E ficou cada vez mais evidente o quanto a gente precisa dessa educação mesmo para conseguir envolver a tecnologia no ensino.

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: Educação para o uso da tecnologia, não é?

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: É.

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: Da cultura digital.

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: Porque os pais começaram a encarar vários desafios que eles nem imaginavam que podiam aparecer. Então desde questões de deixar a câmera aberta, deixar a câmera fechada durante a aula. Ou: Como que meu filho não consegue acessar um link da aula, se ele consegue entrar em aplicativos e jogos supercomplexos? Foram vários fatores inesperados que foram aparecendo nesse momento que fizeram com que acho que, apesar de todos os desafios, a gente vai chegar, a gente está chegando em um ponto em que todo mundo está concordando que essa educação sobre a cultura digital é necessária.

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: E, pelo lado dos professores, também tentando acessar esse aluno, tentando garantir que o processo de aprendizagem continuasse a acontecer, no momento em que o chão de todo mundo foi puxado de repente. Esse desafio do professor, conseguir que o aluno se envolva, se concentre ao mesmo tempo em que esse aluno aprende a ser parte de uma comunidade, de sala de aula digital tem



gerado um estresse muito grande, porque a falta de histórico, de referências para como a gente faz isso, atingiu simultaneamente a família e a escola.

E ali no meio está o aluno que, até então, usava a tecnologia como um meio de diversão, de distração, de passatempo. E o desafio de entender que uma aula remota, mediada pela tecnologia, tem a mesma importância, o mesmo valor e uma exigência maior em termos de dedicação, de atenção. Esse desafio acabou gerando um muro onde a gente precisaria de uma ponte, que é na relação da família com a escola. Porque como pesou muito para o aluno ter que usar a tecnologia para o aprendizado dentro de casa, a família começa a jogar para a escola. Como eu faço? A minha Internet está caindo. Essa é uma questão que a escola não consegue resolver.

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: Tem escola que até tenta. Tem escola que acabou contratando profissionais para irem até a casa das famílias para resolver essas questões de Internet. Mas é um ponto que não cabe à escola.

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: Então, aí resolveu, ficou tudo bem? Agora tudo tranquilo, os alunos estão estudando, estão aprendendo? Não tem estresse? Não. Continua, surgem novos pontos. Mas, porque a base mesmo é essa questão da formação de uma cultura digital em que a tecnologia entre como um recurso, mas que tanto a família quanto o aluno quanto o professor consigam identificar quais são os pontos ali que dependem de pequenos ajustes na mentalidade, na postura, no respeito, no entendimento de que existem limites de todos os lados para que, realmente, esse uso da tecnologia funcione. E tem questões também que nós temos acompanhado, que são relacionadas ao bullying durante a aula. Seja com aluno, seja com professor. Tem a questão do respeito a essa entrada dentro da casa da família.

Mas tem, principalmente, o desespero de pai, mãe, avó, de responsável na busca por um equilíbrio. Quando é que o tempo de tecnologia está ficando excessivo? Quando é



que prejudica? A tendência que a gente tem visto, que nós estamos tentando ajudar a ajustar, é que as famílias passam a achar que o tempo de aula está sobrecarregando o filho na questão do...

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: De exposição.

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: De exposição à tela. Mas a gente fala assim: exatamente o tempo de aula é onde está vazando, está ficando muito? Será que não tem um ajuste que a gente precisa fazer em outros aspectos?

E o outro ponto é como cada família vê e coloca a tecnologia no seu dia a dia, coloca o mundo digital de forma que ele realmente venha para resolver questões que antes a gente não teria como resolver e em que momentos a gente precisa falar: não, agora isso aqui é uma questão que a gente pode até buscar ideias, recursos na tecnologia, mas agora é hora de fechar, de desligar, de se desconectar e ter um olho no olho aqui e juntos a gente buscar respostas para situações que a gente está vivendo.

E a questão do respeito entre família e escola, também, é um ponto que a gente coloca muito no dia a dia. De não haver uma cobrança excessiva de nenhum dos dois lados, mas haver ali as mãos dadas para enfrentar os desafios que são parte desse tempo que a gente está vivendo. Mas a nossa grande preocupação é: ajudar as famílias a encontrar os pontos de ajustes que precisam ser feitos dentro de casa para que a cultura digital implantada dentro dessa família proporcione o crescimento, o desenvolvimento das relações humanas dessas pessoas que pertencem a essa família, dos outros grupos da comunidade aos quais eles pertencem e que as crianças consigam se ver também como parte dessa cultura digital e não como ou as vítimas do excesso de tecnologia, ou as vítimas do muito tempo de aula, muito conteúdo de escola, ou simplesmente aquelas pessoas que estão perdidas ali no meio entre o que a



família e a escola está buscando de melhor para as crianças, para os alunos nesse momento.

Não tenho dúvida nenhuma que mais do que em qualquer outra época é urgente essa discussão sobre qual é o papel da tecnologia, quais são regras de respeito que antes nossos pais nos ensinavam, esperar o outro acabar de falar, pedir licença na hora de falar. Olhar para quem a gente fala. Como a gente traduz tudo isso para a cultura digital?

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: E regras que acabam gerando dilemas também. Que não existe uma escolha que seja a perfeita. A própria abertura ou não da câmera durante a aula é uma questão que traz muitos poréns. Nós, como SOS Educação, a gente orienta muito as famílias, as escolas do quanto é importante o aluno assistir a aula com a câmera aberta.

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: E analogia que a gente faz é...

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: Que muitos pais falam que os filhos são muito tímidos e não querem abrir as câmeras. E a gente fala que mesmo um filho tímido, quando ele chega na sala de aula, ele não pode assistir a aula de costas para o professor.

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: E nem considera essa hipótese.

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: E que assistir uma aula com a câmera fechada é muito parecido com isso, se a gente for fazer uma analogia. Mas, por outro lado, a gente vê também, no dia a dia, convivendo muito com as escolas, a gente já muitos casos, por exemplo, de bullying, que acabam nascendo desse contexto novo de ter a câmera aberta. Porque a partir do momento que a câmera está aberta, todos os seus amigos estão vendo o seu cenário da sua casa. Então, a gente começou a ver muitos casos, por



exemplo, de alunos bolsistas, que têm a casa muito mais simples do que a casa dos outros amigos, virando vítima de bullying por estarem com a câmera aberta.

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: E professores também, não é?

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: É.

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: Que acabaram tomando espaço dos filhos, da família para preparar, para dar aula de dentro da casa dele e esses professores sofrendo um tipo de cobrança ou de vigilância da família que está tentando, ou achando que está protegendo ou cuidando do filho, mas que está ali entrando, invadindo uma aula que é do professor com o aluno.

Então, nós temos um trabalho em que nós ajudamos as famílias a entenderem onde estão os pontos na rotina que hoje precisam de ajuste para que o pai, a mãe, o responsável possa modelar posturas, atitudes de respeito, mesmo ou principalmente agora quando estão on-line e que os filhos possam seguir esse exemplo e aprender a desenvolver relacionamento bem humanizado mesmo que esse relacionamento esteja acontecendo de forma digital através da tecnologia.

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: E sempre lembrando muito, todos os envolvidos, os professores, as famílias, de que apesar da cultura digital estar cada vez mais dentro do nosso dia a dia, a todo momento, e essa questão de a pandemia ter acelerado muitos processos que já iriam acontecer, a gente ainda está vivendo uma pandemia. Então, também tem momentos que tem que lembrar disso, que são mudanças que vão facilitar nossa vida, são formatos novos de aula que vão entrar para a educação. Mas agora é uma pandemia, então todo mundo está vivendo também o estresse de ter parentes doentes...

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: Desemprego.



PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: Desemprego, questões econômicas, inseguranças para sair na rua, não ter a convivência social, são muitos outros fatores que acabam estressando muito todo mundo e dificultando para implementar essas novidades. Então, a gente lembra muito, sempre, as famílias e os professores de que também eles precisam não se cobrar tanto em momentos porque apesar de serem mudanças que a gente vai conviver para sempre agora é o momento de realmente conseguir sobreviver ao que a gente está passando.

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: Mas nós temos bastante dicas práticas desses ajustes que podem ser feitos em casa para ajudar os filhos e as famílias a terem uma relação mais tranquila com o mundo digital e com aprendizagem que vai seguir usando, dos benefícios da tecnologia mesmo depois que a pandemia passar.

MODERADORA: ROSA LAMANA: Nossa, muito enriquecedora a fala de vocês, viu? Gostei bastante. Agora vamos ouvir um pouquinho o que a Renata tem a nos dizer sobre esse assunto, né, Renata?

PARTICIPANTE: RENATA FERRAZ: Oi, Rosa. Adorei, Taís, Roberta. Muito interessante. Eu sou coordenadora da área de políticas educacionais da Fundação Lemann. A Fundação Lemann é uma fundação familiar, sem fins lucrativos, que há 18 anos trabalha no campo da educação. A gente acredita que um Brasil feito por todos e para todos precisa de educação pública de qualidade e de lideranças comprometidas a fazer as transformações sociais no Brasil.

No campo da educação pública de qualidade, que é a frente que eu trabalho, a gente atua principalmente de duas formas, uma é por meio do apoio a programas que atuam em parcerias diretas com as redes de ensino. Então atualmente a gente apoia três programas que atuam em 24 redes, beneficiando mais de 850 mil alunos da escola pública brasileira. Além disso, a gente também tem um olhar para políticas



educacionais em escala nacional. Então a gente produz conhecimento e vem apoiando a implementação e a discussão de políticas públicas no Brasil para a melhoria da educação pública.

E aí, como alguns casos interessantes, então, a gente participou muito das discussões sobre a implementação de uma base nacional comum curricular, a primeira do Brasil, que foi homologada em dezembro de 2017. A gente é parte do movimento pela base. A gente também tem participado há alguns anos muito intensamente das discussões sobre o programa educação conectada e sobre a questão da conectividade nas escolas.

E a gente vinha em processo de discussão de políticas públicas educacionais que falavam de questões como a diferença entre os pontos de aprendizagem dos alunos dentro de uma mesma sala de aula e como você verifica o nível de aprendizagem dos alunos e pensa em propostas mais personalizadas para eles. A questão da formação de professores, como apoiar os professores para que eles não se sintam sozinhos na hercúlea tarefa de educar as futuras gerações. Como a gente pensa em formações de professores que de fato apoiam os professores a dar conta de todos esses desafios que a gente coloca na conta da educação, então desenvolver competências para o século 21, etc.

E, de repente, veio a pandemia e uma série de processos se aceleraram. E a gente aprendeu, a gente está aprendendo muita coisa. Então a gente na fundação tem feito rodadas de pesquisas Datafolha que escutam famílias durante esse processo de pandemia. Agora, na próxima semana, a gente deve lançar a sexta onda, a sexta rodada de perguntas para as famílias. E tem algumas informações muito importantes. Quando fala da cultura digital é para uma realidade como a Taís falou, é para uma realidade que não é uma realidade pensada inicialmente para uma pandemia. Na pandemia que a gente está vivendo, a gente tem 10% dos alunos em uma realidade de ensino híbrido. O restante dos alunos está exclusivamente no ensino on-line, se estão



no ensino on-line ou recebendo material impresso. Apesar do grande esforço que os professores brasileiros estão fazendo, a nossa realidade é bem desafiadora.

E o que a gente tem visto nessas pesquisas, é que indicadores, no geral, eles têm piorado. Então hoje as crianças, os estudantes têm mais dificuldade de estabelecer uma rotina de estudos. Hoje os estudantes têm mais dificuldade, têm menos motivação. Então as famílias sentem os seus filhos menos motivados. O clima dentro de casa piorou nesse um ano de pandemia. E o risco de abandono das crianças em relação às escolas cresceu. Então é realidade que não é a que a gente imagina e a gente quer como o futuro da educação.

Agora tem alguns processos que são parte de uma visão de futuro da educação e que são acelerados nesse contexto de pandemia. Quando pensa em uma cultura digital dentro da escola, a gente está pensando em uma tecnologia que potencializa o melhor do digital e o melhor do presencial. Então a gente está pensando em uma educação que é híbrida. E quais são os aspectos dessa aprendizagem que é a centrada no estudante? O Guilherme, que está na organização do evento, pediu uma *checklist*, então, eu trouxe uma *checklist* de uma sistematização que a Gabriela, da fundação, fez, de estudos internacionais, falando sobre a aprendizagem centrada no aluno. Porque eu acho que traz algumas reflexões que a Roberta e a Taís já introduziram sobre esse ensino, sobre algumas questões que o digital traz para a gente.

O ensino de competências é algo bem importante, então, a base nacional comum curricular, ela é centrada em competências. E como a Rosa comentou, a cultura digital e a competência de lidar com o mundo digital, ela é transversal na base nacional comum curricular. E isso é importante porque a gente está em um mundo que se transforma o tempo todo. E a gente vai ter que aprender a trabalhar, a aprender e a aplicar os nossos aprendizados ao longo de toda a vida. Então isso é muito importante. E a existência de um currículo centrado em competências ajuda a escola a entender



qual é o percurso de cada aluno, a como contribuir com cada aluno, e a família, também, a acompanhar o desenvolvimento do estudante.

Eu vi ontem um stories no Instagram, da Roberta e da Taís, do SOS Educação, muito bonito, muito comovente de uma sobrinha da Roberta que está aprendendo a ler. Ela tem seis anos, e a Roberta estava super emocionada porque a sobrinha que, desculpe, eu não lembro o nome dela, falou: "Mas, tia, não precisa ficar tão emocionada, eu tenho seis anos, é para eu aprender a ler e a escrever". E Roberta falou: "Nossa, no Brasil quantas crianças têm seis anos e não estão aprendendo a ler?". E a base nacional comum, ela traz isso, ela traz expresso que isso é um direito da criança de seis e sete anos, a alfabetização.

Então agora a gente, pelo menos, pode dizer que isso é errado. E a gente tem, em outros países, uma comunicação do currículo superinteressante para as famílias. Porque é lógico que o papel da família não é alfabetizar, mas talvez seja importante ela saber que o filho dela de seis, sete anos tem o direito de estar alfabetizado e se envolver com a escola a partir disso. Então existe uma comunicação específica para a família em relação ao currículo. A gente vê na Austrália, nos Estados Unidos de uma forma bem interessante.

Outra questão é o foco nas características individuais dos estudantes. Isso, a tecnologia, ela ajuda a potencializar também. Então, tem um outro caso que é interessante, do Instituto Rodrigo Mendes, que é uma organização que tem há bastante tempo apoiado a formação de professores para uma educação inclusiva. E eles falam muito da importância dos materiais multidimensionais e multissensoriais. Então, você ter aulas e interações pedagógicas em que você mobiliza a audição, a escuta, mas também o tato, também o paladar. E isso é importante não só para os alunos com deficiência, mas também para todos os alunos, para aprendizagem de todos os alunos.



E, assim, se por um lado, você não consegue essas múltiplas sensações no ambiente digital, exclusivamente digital, existe uma plataforma do Diversa, do Instituto Rodrigo Mendes, que tem cursos autoinstrucionais para professores que chegam em todo o Brasil, porque existe uma plataforma. Agora, a plataforma sozinha dá conta? Não, não dá conta, porque no final das contas tem esse professor que está sendo formado e que estabelece vínculos com os alunos e é quem é capaz de atuar na ponta. Agora, o professor não pode estar sozinho.

Outro ponto interessante é justamente a questão dos vínculos. A cultura digital pode e deve fortalecer vínculos, e isso é algo que a gente quer. Por exemplo, a gente tem uma parceria com a Secretaria de Educação de São Paulo em que a gente apoiou com consultoria de desenvolvimento de produto, com a experiência do usuário, algumas melhorias no programa Além da Escola, da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. E para isso foram feitos grupos focais com professores, estudantes. E uma frustração dos estudantes é que muitas vezes, quando eles acessam conteúdos on-line, eles não têm o professor para tirar dúvida, e aí o envio de dúvida para resposta no dia seguinte, uma semana depois, é algo que gera uma frustração, porque existe a dúvida ali, em tempo real. E aí uma melhoria, um aspecto interessante da plataforma, do programa Além da escola é que além dos conteúdos on-line e remotos, existe também orientação com professores, duas vezes por semana, e existe também a formação de grupos para a construção de projetos interdisciplinares entre 8 e 12 alunos. Porque a gente quer uma tecnologia que amplie o vínculo e não diminua o vínculo.

Agora, não pode ser às custas da sobrecarga dos professores. A gente vê que muitas famílias relatam que acessam os professores quando os filhos estão com dificuldade de aprendizagem e muitas vezes é via WhatsApp. Um professor que é também pai, uma professora que é também mãe, que é também filha. Enfim, então a gente precisa pensar nesses aspectos que a pandemia escancarou, mas que já eram grandes desafios da educação.



Outro elemento importante é cultura de coleta de dado e análise de dado. Então a tecnologia ajuda a gente com a análise de dados. A gente está vendo, mesmo nesse contexto remoto, o estado de São Paulo mesmo fez uma grande avaliação para entender os impactos da pandemia na aprendizagem no estado de São Paulo. A gente tem ferramentas e até startups que trabalham no Brasil e fora com a avaliação da aprendizagem em tempo real, em que os alunos fazem atividades, os professores têm o diagnóstico da turma, a tecnologia ajuda nisso. Agora, a gente precisa falar não só da cultura digital, mas da cultura de avaliação, que não é mais uma cultura de avaliação punitivista, com base em punição e recompensa, mas uma cultura de avaliação para diagnóstico, para entender quais são os desafios e atuar sobre esses desafios. Então isso é um outro elemento superimportante dessa cultura digital e que envolve a escola.

E aí o último aspecto é a flexibilização dos tempos e espaços. A gente precisa pensar sobre isso. Porque a flexibilização dos tempos e espaços, o que é, como a Roberta falou, esse tempo de tela. Será que o ensino híbrido em que você compõe um remoto com presencial ele é só via tela, só assistindo materiais ou ele também pode, em um momento mais tranquilo da pandemia, é importante que ele envolva áreas da comunidade, outros equipamentos além da escola. Então como a gente pode fazer com que essa cultura digital potencialize mesmo os aspectos positivos do on-line e do presencial, que, definitivamente, não é o caso do contexto excepcional que a gente está vivendo na pandemia.

Agora algumas informações importantes, 71% dos respondentes da pesquisa, então das famílias no Brasil, o resultado de novembro, passaram a valorizar mais o trabalho dos professores durante a pandemia. E 94% das famílias consideraram importante que os docentes estejam disponíveis para dúvidas durante as aulas não presenciais. Então, a gente não está falando de jeito nenhum de uma dispensa do papel do professor, muito pelo contrário. Então é isso.



MODERADORA: ROSA LAMANA: Renata. A gente percebe o quanto a tecnologia nos auxilia e amplia as possibilidades, mas você está trazendo também questões preocupantes. Em relação à questão do acesso. A Taís e a Roberta também trouxeram a questão do bullying, o quanto as famílias tiveram que se reinventar para continuar trabalhando com essas questões da pandemia, com essa questão da tecnologia e de uma forma bem abrupta. A gente teve, de uma hora para outra, se reinventar. Entendendo todas essas questões que a gente apresentou agora, entendendo que o professor tem os seus estudantes para auxiliar, para construir, ajudar a construir esse conhecimento deles, como a escola pode, como os educadores, de uma forma geral, podem auxiliar as famílias? Eles têm a obrigação com os seus estudantes, mas eles também vão precisar atingir a família para que toda essa questão possa realmente se tornar cada vez mais positiva. Como é que eles podem fazer isso? Vocês têm alguma sugestão, algum exemplo? Como as empresas podem ajudar? Como a própria escola pode ajudar? Quem gostaria de responder essa?

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: Então, as famílias, elas precisam muito de um guia. De por onde começar, ajustes que ajudem para que os filhos consigam se relacionar de uma forma saudável e positiva com os estudos e consigam tirar o melhor proveito dos recursos que a tecnologia oferece. Quando essas famílias olham para trás, no que os pais, os avós dessas crianças fizeram, elas não acham resposta. Porque não existe um exemplo no passado para a gente olhar e ver como as famílias resolveram essa questão, que não aconteceu.

Então a gente precisa ajudar as famílias a entender que não é preciso buscar mais tempo ou buscar uma borboleta azul no Nepal para conseguir ajudar o filho a lidar melhor com aprendizagem remota. Mas que não é na hora que o filho senta para assistir uma aula, para fazer uma atividade e para fazer uma pesquisa que ele vai conseguir desenvolver as habilidades que ele precisa aplicar naquele momento. A ajuda que essa criança, que esse filho precisa para desenvolver essa base de



habilidades está ali na família e nos momentos que essa família convive e no dia a dia. Na hora das refeições, por exemplo, fazer as refeições sem tela para que os filhos conversem com os pais, desenvolvam habilidade de focar só naquele momento, desenvolvam a paciência que é necessária, até que a comida esteja pronta, que seja servida na mesa, prestar atenção em uma outra pessoa que está falando. Esse momento da refeição é um momento muito valioso em que uma base enorme de habilidades é desenvolvida e esse filho consegue, depois, aplicar essas habilidades no momento que ele entra em uma aula on-line, por exemplo.

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: E até se a gente for agora fazer o momento do *checklist* também, a gente tem uma rotina que a gente sugere para as famílias de sete pontos que precisam estar presentes para garantir o equilíbrio do tempo que os filhos passam nas telas e também o desenvolvimento de habilidades que são essenciais para o aprendizado, como paciência, concentração, e...

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: Capacidade de lidar com a frustração. Porque o professor não vai conseguir fazer isso. Isso precisa ser desenvolvido junto com a família dentro de casa.

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: E que até pouco tempo atrás, mesmo antes da pandemia, até quando a gente era criança, nós desenvolvíamos essas habilidades naturalmente na rotina da família. E a gente está em uma geração, que mesmo antes da pandemia, elas não estavam desenvolvendo mais naturalmente essas habilidades, porque a partir do momento em que tudo é resolvido com um clique, de um jeito muito rápido, muito personalizado, as famílias sendo menores também, várias mudanças no contexto da sociedade fizeram com que os momentos em que essas habilidades eram desenvolvidas em família foram desaparecendo. Então ao esperar a semana inteira para ver o nosso programa prefiro de TV, a gente nem sabia, mas a gente estava também desenvolvendo paciência, habilidade para lidar com a frustração. E tem vários



outros exemplos de momentos que a gente vivia quando criança que faziam com que a gente desenvolvesse essa base de habilidades para quando chegasse a hora do aprendizado formal a gente conseguisse ter um relacionamento positivo com os estudos.

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: E aí esses sete pontos que nós colocamos na rotina são... Então se um professor ou o gestor escolar ajudar a família a entender que: ao longo da semana as crianças e adolescentes precisam ter: atividade física frequente...

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: Uma noite completa de sono. Noites completas de sono.

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: Isso. Estabelecer o horário de ir para a cama e ajudar para que isso seja cumprido, é uma maneira de ajudar a criança a conseguir ter o cérebro preparado para que o processo de aprendizagem aconteça. Outro ponto da rotina é responsabilidade compartilhada dentro da família. Então colocar e tirar mesa da refeição, guardar o brinquedo, arrumar a própria cama não é castigo que um filho precisa receber isso, é parte do dia a dia que ele precisa viver para que ele tenha os recursos necessários para conseguir, depois, lidar com o processo de aprendizagem.

Então mais um ponto, brincadeira no concreto, no mundo real. Então é muito importante que os pais ensinem os filhos as brincadeiras que faziam parte da realidade do pai. Então um jogo de tabuleiro, um quebra-cabeça, uma brincadeira com...

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: De faz de conta.

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: Faz de conta.

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: Jogo da memória.

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: Isso também ajuda muito. Tem dois pontos fundamentais e que escapam para as famílias. Um é a hora do estudo. Todos os dias de



segunda a sexta-feira ter um horário em que o filho precisa sentar para refazer uma atividade da escola, para fazer a lição que a escola mandou, fazer um resumo do que a escola ensinou naquele dia. Quando a gente tem ao longo da semana a hora do estudo já como uma responsabilidade todos os dias, esse filho não vai esconder mais que tem tarefa para fazer. Porque naquele horário ele vai ter que sentar para estudar de qualquer jeito. Então se a escola mandou atividade, qual é o interesse em esconder, já que eu vou ter que sentar aqui mesmo para fazer lição.

Além disso, a gente tira do pai e da mãe aquele peso de parecer que o pai ou a mãe é que tiram o momento da diversão do filho porque fazem ele sentar para fazer lição. Ou que a escola ou a professora: “Ai, como são chatos. Porque eles me tiram a brincadeira e me fazem sentar para estudar”. Não, a hora da lição faz parte da rotina. E o momento da leitura. Porque a leitura é o remédio capaz de prevenir e curar muitas dificuldades da aprendizagem. Mas o hábito da leitura depende muito da rotina da família. Então, estabelecer duas ou três vezes por semana 20 minutos em que todos os membros da família estarão sentados lendo. Juntos ou cada um lendo uma revista em quadrinho, um material divertido. Isso vai ajudar muito para que essa relação dessa criança ou adolescente com os estudos seja mais tranquila, mais saudável.

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: E a família precisa de ajuda para entender que esse é o papel dela: garantir que essa rotina, com esses pontos, a gente falou os seis pontos, o sétimo é a refeição em família. Com esses sete pontos que estão presentes na rotina da criança, porque muitas vezes, na melhor das intenções, os pais acabam não tendo nem energia para colocar essa rotina em prática.

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: Não sabe que existe.

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: Porque eles acabam se desgastando tanto, achando que têm que assumir o papel do professor, por exemplo, e entender o conteúdo que o filho



está aprendendo para ensinar para o filho. E quando a criança e o adolescente têm essa rotina presente em casa, ela desenvolve toda a base de habilidades que ela precisa para conseguir aprender e ter um relacionamento positivo com os estudos.

MODERADORA ROSA LAMANA: Uma coisa que eu sempre gostei muito, com os meus estudantes, é trabalhar em projetos. Eu ia falar em sala de aula. Mas o que é a sala de aula hoje? A gente, às vezes, perde até um pouco o chão, do que é uma sala de aula. Mas, enfim, eu gostava muito de trabalhar com projetos. E nessa abertura, nessa questão do trabalho com projetos eu gostava de prestar atenção no que tinha, no que a minha comunidade tinha para me oferecer ou o que ela não tinha para me oferecer e que eu precisava ajudar. E neste trabalho com projetos, os próprios estudantes passavam a ser um elo entre a família e a escola. E aí eles aprendiam e eles tinham, então, o dever de transmitir isso para a comunidade.

A minha avó costumava dizer assim, que “santo de casa não faz milagre”. Então, às vezes, o próprio estudante falar com a própria família talvez pudesse não surtir efeito. Então a gente tentava de todas as formas. O próprio estudante como elo ou o próprio estudante como elo com a comunidade. Talvez com a família do amigo, com a família do vizinho, que às vezes não é nem o colega da própria turma, mas isso pode contribuir até para a gente ajudar um pouco as famílias. E lembrando que, lógico, nosso objetivo principal é com o estudante, mas se a gente não tiver a família junto, a coisa não anda. E a gente fica um pouco perdido, tentando ajudar, mas em casa tem outra rotina.

A Taís e a Roberta trouxeram sugestões fantásticas do que realmente se precisa dentro da escola. Então, por que não, por exemplo, se precisa de uma rotina em casa para reflexo dentro da escola. Então por que não trabalhar essas questões com os estudantes dentro de um projeto para que eles possam ser o elo desta informação



com as famílias com a própria comunidade? Isso é um trabalho bem relevante neste caso.

Agora existe algum trabalho de desenvolvimento de alguma rede local, de integração de escola, professores, alunos e responsáveis no ensino público no Brasil? Vocês conhecem alguma rede?

PARTICIPANTE: RENATA FERRAZ: Tem algumas experiências bem interessantes. Aqui, na rede pública, de engajamento das famílias, na comunidade escolar. Então um caso bem, bem emblemático que é muito citado é o caso da escola Amorim Lima, aqui no Butantã, em São Paulo. Que é uma escola que tem uma associação de pais e mestres muito, muito forte. E que trabalhou junto com os professores na construção de um projeto pedagógico e tem conversas regulares em relação a rotinas da escola, participam das festas. E é sempre esse um desafio que a Roberta e a Taís endereçam muito bem, que é entender como que todo mundo participa, mas entendendo os diferentes papéis, de cada um nessa participação. A família com um papel, os professores com um papel e também a sociedade em geral com um papel. A Taís falou que a rotina não é um castigo. E aqui no Brasil, infelizmente, algumas vezes é um direito, que nem todo mundo tem garantido, nem todas as crianças. E nessa realidade em que existem famílias com diferentes condições sociais, de acesso à Internet, muitas crianças que têm o principal acesso pelo celular, dividindo aparelho com outras pessoas dentro de casa. Essa situação é mais desafiadora. E isso é muito importante para o desenvolvimento de competências. Por isso que a gente fala tanto em uma escola integral. Que tem mais tempo de escola e também que cuida das diferentes dimensões do desenvolvimento da criança e do adolescente. Mas, para isso, ela não pode fazer isso sozinha, ela precisa contar também com a assistência social, com os órgãos de saúde, com a sociedade civil. Então é superimportante a gente ter essa dimensão de diferenças no Brasil.



PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: Então, eu queria só colocar um ponto que muitas vezes falta, realmente, às vezes só uma visão diferente mesmo. Porque daí entra exatamente o que nós estamos falando, que é a cultura digital. As famílias, mesmo de escola pública, elas costumam fazer parte de um grupo de WhatsApp, de mães, que geralmente fala de mães, é o grupo de WhatsApp dos pais da sala de aula do filho. E, em geral, a tendência das famílias é usar esse grupo de WhatsApp ou para reclamações, ou para juntar os pais quando alguma coisa não dá certo. Mas raramente as famílias pensam em mandar nesse grupo o pedido de ajuda de: Olha, hoje o meu filho não conseguiu fazer a atividade que a professora mandou. Como vocês conseguiram? Ou como vocês resolveram tal questão aí? Ou compartilhar boas práticas ali ao invés de jogar para o professor uma questão que a resposta pode estar muito mais próxima do que atende a necessidade de uma família se vier de outras famílias que compartilham os mesmos desafios. E aí é exatamente a questão de ter a cultura de usar a tecnologia como uma forma de resolver problemas, dividir boas práticas, e não só de cancelamento ou de crítica em pontos que às vezes a gente não concorda.

PARTICIPANTE: RENATA FERRAZ: E aí, eu, até considerando essa pergunta, né, Roberta, que é: como formar professores para uma cultura digital. Eu acho que vocês estão trazendo uma dimensão que é: se a gente está falando de aprendizagens que são multidimensionais, não são só os professores. E os professores não estão sozinhos nessa. E tem muitas competências que são, sim, desenvolvidas em outros ambientes.

MODERADORA: ROSA LAMANA: Isso mesmo. Agora, em relação a esse questionamento que você levantou aqui, Renata, como formar professores preparados para lidar com a cidadania digital nas escolas, quando muitos não têm nem ideia de como fazer isso? A gente já comentou aqui que a pandemia meio que pegou a gente de surpresa e fez a gente se reinventar de uma hora para outra. E aí, quando eu olhei essa pergunta, eu fiquei pensando: o que significa estar preparado para a cidadania



digital? Uma vez que essa cidadania digital, ela muda a todo instante. Hoje você aprende uma coisa e fala assim: eu sei, agora eu sei. Agora eu sei o quê? Que daqui cinco minutos já surgiu uma coisa nova. Então a gente está sempre aprendendo.

O que eu vejo é que muitas vezes a gente tem uma ansiedade tão grande que a gente quer estar a mil, sabendo tudo. E saber tudo a gente não vai saber. Então se a gente, de repente, sabe, acha que sabe muito pouco, começa pouco. E para formadores, sejam eles coordenadores pedagógicos, sejam formadores das secretarias ou formadores de qualquer empresa, o que a gente precisa ter claro na mente, e que o professor também precisa. A gente vai começando um passo por vez. A gente não pode querer saltar aqueles saltos olímpicos se a gente começou a andar. Uma criança, não sai correndo. Quando ela começa a dar os primeiros passos, ela já não sai correndo. Ela vai primeiro os primeiros passos com bastante dificuldade, segurando, caindo, mas ela vai, cada vez mais, ampliando, melhorando, até a hora que ela consegue correr. Então quando se trata de cidadania digital, eu entendo que é a mesma coisa. A gente vai aprendendo, se reinventando, uma coisa por vez.

E preparado, preparado, preparado, eu acho que nenhum de nós estamos. Com essa tecnologia tão louca, acontecendo coisas novas a cada minuto. Às vezes eu... eu gosto muito de novidades, então, às vezes, eu fico olhando alguns vídeos e falo: puxa vida, olha que interessante que criaram agora. Então a gente nunca está, de fato, preparado. A gente vai se preparando no dia a dia, né, Taís e Roberta?

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: É, e eu acho que aceitar de uma forma tranquila essa vulnerabilidade de a gente viver no mundo em que as informações, elas triplicam, quadriplicam em uma velocidade tão grande que se a gente tentar conhecer tudo ou achar que a gente só vai estar seguro quando souber tudo, a gente vai perder muita coisa boa. E outro ponto que a tecnologia permite, o trabalho colaborativo. Então assim, tem tanto conhecimento que um professor que não domina a tecnologia tem,



que se ele se juntar com outro professor, que domina um pouquinho mais a tecnologia, eles, juntos, vão conseguir criar alguma coisa que outras duas pessoas muito especialistas, com conhecimentos muito parecidos, não conseguiriam. Então sempre acreditar que o que você tem de experiência e de conhecimento é muito valioso. E que uma outra pessoa pode ter um outro conhecimento que, juntos, vocês vão transformar o que vocês duas trouxeram em algo tão maior e conseguir, talvez, chegar em um aluno que você não atingiria e fazer essa parceria também com os alunos. Porque os alunos podem ser as pessoas que vão nos ensinar, nos trazer recursos, ferramentas que a gente não saberia que poderia usar. Então acho que quebrar esse medo de ser vulnerável, mas equilibrar com a confiança daquilo que você traz de experiência, de conhecimento.

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: E que, somando isso, também, com questões de interesses dos alunos mesmos. Que muitas vezes os professores têm até um preconceito de tentar entender o que é aquele Youtuber que o aluno gosta, o que é aquele *Tiktok* que o aluno está gostando também. Somar isso, tentar entender, ir lá e assistir mesmo o vídeo, ver o que ele está falando, somado com tudo o que o professor já tem de experiência, aí não tem limites de onde a gente pode chegar.

MODERADORA: ROSA LAMANA: E não tem diferença de idade, diferença de conhecimento, é um aprendendo com o outro o tempo todo.

Tem uma perguntinha aqui que eu achei bastante interessante: vocês conhecem alguma iniciativa no estado de São Paulo que faz mapeamento de usos de tecnologia e educação para crianças?

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: Assim, o que me vem na cabeça imediatamente são diversas empresas com as quais nós interagimos, mas que são empresas privadas tentando levar bom conteúdo para criança. Mas eu não consigo pensar nenhuma...



PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: E tem muitas parcerias com municípios. Por exemplo, a Árvore de Livros, que é um aplicativo.

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: É o Leia na Árvore.

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: É, que leva muito literatura rica para as crianças, sem o limite de barreira de distância, porque é através de aplicativo, é um exemplo que está trabalhando bem essa questão do mapeamento, e não só para quem está chegando, mas do nível de leitura, do desenvolvimento dessas crianças. Mas eu também só consigo pensar em empresas privadas que fazem isso.

PARTICIPANTE: RENATA FERRAZ: É, o que a gente tem aí não é o mapeamento do uso em si, mas é de ferramentas e conteúdos. A plataforma Aprendendo Sempre, ela foi criada por um coletivo de organizações e tem conteúdos para apoiar gestores educacionais, professores, famílias e organizações sociais na aprendizagem. Então tem desde a plataforma *AprendiZap*, que tem aulas via aplicativo e até aplicação de avaliação, de aprendizagem, até outros conteúdos. E eles fazem um mapeamento das aulas, então, das políticas de retorno e recomposição das aulas nos estados brasileiros. Chama Aprendendo Sempre, a plataforma.

MODERADORA: ROSA LAMANA: É, eu estou buscando aqui no meu celular. Eu não vou lembrar de cabeça e, agora, assim, na rapidez, eu não consigo achar, mas a Universidade Federal de Minas Gerais tem uma plataforma, que ela disponibiliza planos de aula, que têm, alguns têm tecnologia, outros não, de diversas áreas. Mas infelizmente não vou lembrar de cabeça. Também existe uma outra iniciativa da EducaDigital, que é a Pilares do Futuro, que ela fala, ela traz planos e sugestões de atividades voltadas para educação digital.

Também tem o RELiA, que vai apresentar algumas ferramentas, não propriamente votadas para criança, mas tem também para crianças, ferramentas abertas para o



trabalho com os estudantes. Então algumas plataformas, elas trazem sugestões de planos de aula. E a própria plataforma do MEC, o portal do professor, também traz alguns planos de aula. Lógico que nem todos têm tecnologia, mas eles também trazem essas possibilidades de trabalhos com tecnologia, que também pode ser bastante aproveitado pelos professores.

PARTICIPANTE: RENATA FERRAZ: Sim, também queria citar, Rosa, a Nova Escola. O portal da Nova Escola tem planos de aula gratuitos para educação infantil e ensino fundamental.

MODERADORA: ROSA LAMANA: Gente, que papo gostoso! Agora, para a gente fechar, vocês têm alguma dica. Rapidinho, hein? Dois minutos cada uma. Vocês têm alguma dica que podem dar relacionados a essa temática de como ajudar às famílias na questão da cultura digital?

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: Então eu gostaria de dizer que é muito importante que pai, mãe, filhos, eles consigam compartilhar momentos em que eles estejam fazendo uso da tecnologia e trazendo para a realidade deles discussões, conversas, aspectos que tenham relação com o contexto em que eles vivem e que a tecnologia não seja o momento em que cada um está separo, sempre fazendo coisas diferentes um do outro.

Nós costumamos recomendar para as famílias que façam playlist de músicas. E que essa playlist contenha músicas que cada membro da família gosta e que eles ouçam juntos. Sem fone de ouvido, porque esse é um momento que ajuda a integrar a família, a enriquecer repertório, a estreitar vínculo. E isso vai gerar para o filho o desenvolvimento de autoestima, de segurança, de sentimento de pertencimento que ele está precisando muito nesse momento para seguir enfrentando o desafio de aprender, mesmo estando longe da escola.



Então talvez para os professores também seja valioso fazer um projeto em que alunos possam apresentar qual música que eles gostam, por que eles gostam dessa música, em que momento essa música se relaciona com o que eles estão aprendendo, ou tentando estudar ali, ou com a família dele. Eu acho que trazer a música, não só o áudio ou o vídeo, também faz parte de aproveitar tudo o que a tecnologia tem para oferecer e lidar com essas questões de emoção mesmo que estão tão à flor da pele e precisam de um equilíbrio, porque o processo de aprendizagem depende 98% de hormônios e só 2% de neurônios. Então a gente precisa, seja através de qual plataforma for, lembrar que do outro lado da tela tem um ser humano que está precisando de carinho, de acolhimento, de apoio. E esse ser humano, às vezes, é tanto professor, quanto o pai, a mãe ou o aluno.

MODERADORA: ROSA LAMANA: Renata.

PARTICIPANTE: RENATA FERRAZ: Ah, eu acho que eu... É difícil falar sobre contribuição com a família depois da Roberta e da Taís. Elas são superespecialistas, estão em contato com essas famílias. E acho que é um tempo tão duro. E a gente já sabe que a educação pelo exemplo é muito importante. Então é um momento de acolhimento. A gente quer que os nossos filhos sejam acolhidos na escola e é importante acolher os professores também, os educadores, e é um momento de acolhimento e de exercício da cidadania. Então, acho que essa cidadania positiva e construtiva, ela é o que a gente quer para a cultura digital, ela ainda não é um dado da cultura digital, ela é o que a gente quer para a cultura digital. E acho que é o que a gente quer para a educação dos nossos filhos também.

MODERADORA: ROSA LAMANA: Nesse momento, que às vezes a gente percebe alguns professores, meio nervosos, preocupados com essa situação toda. Tentando se reinventar, e às vezes com dificuldade, que mensagem vocês deixariam para eles para



tranquilizá-los um pouco mais, para conseguir avançar cada vez mais com um pouco mais de tranquilidade?

PARTICIPANTE: TAÍS BENTO: A gente está ouvindo muito dos professores a frustração de achar que eles podiam dar uma aula melhor do que eles estão dando, de que os alunos podiam estar aprendendo mais do que eles estão aprendendo e uma autocobrança muito grande, que acaba gerando essa frustração. Então, eu acho que uma mensagem que precisa ficar para o professor é de que: calma, você está dando o seu melhor. É um dia de cada vez. Ninguém está esperando um super professor nesse momento que está desafiador sendo, como a Renata falou, você não é só o professor agora, você é pai, você é mãe, você é filho, você é um sobrevivente de tudo isso que a gente está vivendo, todas essas tensões, então vamos um dia de cada vez. Não esqueça de cuidar de você também. Porque os professores estão ficando tão sobrecarregados que estão esquecendo de questões básicas, como uma noite completa de sono ou uma parada de fim de semana para ter cara de final de semana mesmo. Então, eu acho que é essa a mensagem que eu deixaria.

PARTICIPANTE: ROBERTA BENTO: Acima de tudo, os alunos precisam que você, professor, acredite que ele vai conseguir passar por esse período. Foi assim que eu cheguei aqui hoje. Quando eu fui incluída em uma escola, quando ninguém sabia que um dia existiria o termo inclusão, os professores que me aceitaram souberam me ajudar a acreditar que eu ia conseguir. Então, eles usaram um pouco do conhecimento técnico e muito do que eles tinham de sentimento ali de paixão pela profissão que eles tinham e me fizeram hoje contar a história de uma aluna que foi aceita, que foi incluída e que por isso se apaixonou pela educação e está aqui hoje, presente, tentando fazer o melhor pela educação do nosso país também.

Então eu acho que o professor precisa acreditar que um dia, lá na frente, muitos alunos vão contar dessa época que eles passaram e que eles só conseguiram continuar



aprendendo e acreditando que eles eram capazes porque eles tiveram esse professor que acreditava neles também. Então, vai chegar um dia que a gente vai contar a história disso que a gente está vivendo e que a gente consiga, então, construir boas memórias, que sejam essas as memórias que a gente conte lá na frente.

PARTICIPANTE: RENATA FERRAZ: É muito impressionante o que os professores fizeram até aqui. Então, a gente começou, no início da pandemia tinha menos de 70% dos alunos tendo recebido conteúdo, seja físico, seja on-line, e a gente já está com mais de 95%. Então assim, o trabalho dos professores até aqui foi hercúleo, foi muito importante. Setenta e um por cento dos responsáveis reconhecem, diz reconhecer mais o trabalho dos professores.

E agora não é o momento de os professores carregarem nas costas o trauma que a gente está vivendo. Esse é o momento do país se unir e se responsabilizar pela recomposição da aprendizagem, pela busca ativa dos alunos que saíram da escola. Esse é um projeto, um compromisso que precisa ser assumido pelos professores, mas também pela comunidade, pela assistência social, pelo poder público, pela sociedade civil, enfim, por todas as pessoas que se preocupam com o futuro do Brasil. Assim, então, não é uma tarefa exclusiva dos professores nesse momento. E o trabalho que foi feito até aqui é muito impressionante e merece reconhecimento.

MODERADORA: ROSA LAMANA: Verdade, meninas. E assim, professor, professora, uma dica que a Roberta deixou, que eu achei fantástica, foi o trabalho em conjunto. Nós não sabemos tudo, nós estamos sempre aprendendo. E nós podemos aprender com os outros. Com o seu estudante, com o pai. Então, talvez conversar com eles: de que forma vocês gostariam, neste momento, de ter uma atividade sobre X tema? Só que, assim, ouvir esses estudantes, levar para casa, pensar como eu posso desenvolver essa temática com as sugestões que deram? Lógico, algumas sugestões vão ser aplicáveis, outras não. Mas, talvez, ouvir o outro auxilie em melhorar cada vez mais



essa questão da cultura digital, que todos nós precisamos, eu também me incluo nessa. É um momento realmente muito novo para todos nós que tivemos que aprender tudo de uma hora para outra.

E estamos dando conta muito bem, sim, obrigada. Graças a Deus estamos indo bem, sim. Temos vários parceiros Internet afora. Nós temos as plataformas disponíveis, gratuitas, que nós podemos utilizar para nos reinventar, para aprender mais, para ter novas ideias. Eu não preciso necessariamente pegar exatamente aquela sugestão que está lá, mas eu posso pegar e ampliar e melhorar e trazer para a minha realidade.

Então, a gente tem ajudas onde a gente consegue, então, se reinventar neste momento tão necessário nessa questão de cultura digital. Trazer, então, a família para junto. Sozinhos a gente não vai conseguir. Então a gente precisa mesmo trazer a família para junto da escola, para junto das atividades que serão desenvolvidas.

Bom, muito obrigada, meninas. Agradeço muito vocês. Foi muito enriquecedora a conversa de hoje. A gente espera se reencontrar mais vezes, para conversar mais, ter mais ideias, ouvir de vocês novas sugestões. Isso vai ser muito bom.

Para você que está nos assistindo, nós ainda teremos uma outra mesa, chamada: Como formar a cultura digital de maneira inclusiva? Que também vai trazer contribuições enriquecedoras para todos nós. Então não percam. No chat do YouTube vocês terão o link para a próxima mesa, para a próxima conversa, para as próximas sugestões. Então não percam e assistam à próxima conversa, tá bom? Até mais.



SAIBA MAIS:

PROJETO FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM DIREITOS HUMANOS DIGITAIS

O projeto consiste em um programa de formação em direitos humanos digitais para educadores do Ensino Médio e do Ensino Fundamental II. Seu principal objetivo é aumentar a quantidade de professores e estudantes engajados em atividades sobre o tema no município de São Paulo e, em um segundo momento, no Brasil. Esse programa de formação já disponibilizou cursos online sobre uso consciente e responsável da internet. Atualmente o projeto está trabalhando na construção de um repositório de casos sobre Direitos Humanos Digitais, com o objetivo de compartilhar situações envolvendo direitos humanos digitais que acontecem com educadores, estudantes e comunidade escolar em geral. O repositório contará com exemplos de casos, orientações sobre como agir em situações semelhantes, vídeos com especialistas comentando sobre eles e também um guia interativo de orientação sobre direitos humanos digitais.

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA EM INOVAÇÃO (CEPI)

O Centro de Ensino e Pesquisa em Inovação (CEPI) surge de uma experiência de 10 anos de diversas atividades ligadas a ensino e pesquisa na FGV Direito SP. Foi criado a partir da fusão entre o Grupo de Ensino e Pesquisa em Inovação (GEPI), braço da escola dedicado ao debate sobre a relação entre o direito e novas tecnologias, e o Núcleo de Metodologia de Ensino (NME), braço dedicado à formação docente, metodologia de ensino e ao desenvolvimento de estratégias de ensino para habilitar os alunos às exigências profissionais do século XXI. Nossas atividades visam a promover: (i) a expansão da inserção de debates sobre o direito e novas tecnologias nos currículos de cursos jurídicos de graduação e pós-graduação; (ii) a intensificação dos impactos gerados pela pesquisa realizada dentro da instituição; e (iii) a qualificação do debate



público e a contribuição de subsídios a decisões judiciais e leis e regulamentos sobre questões relacionadas à agenda de Direito e novas tecnologias.

FGV DIREITO SP

Fundada em 2002, a Escola de Direito de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV Direito SP) foi pensada e planejada para oferecer um ensino jurídico inovador e de alta qualidade capaz de formar profissionais preparados para enfrentar as complexas demandas jurídicas da sociedade contemporânea. Trata-se de uma escola comprometida com práticas inovadoras tanto no ensino, ao utilizar métodos participativos, quanto na pesquisa, ao conduzir estudos empíricos e interdisciplinares com o objetivo de fortalecer as instituições brasileiras e melhorar o ambiente regulatório a partir do interesse público e do desenvolvimento do país.

CONTATO

PROFA. DRA. MARINA FEFERBAUM (Coordenadora)

marina.feferbaum@fgv.br

Doutora (2016), Mestre (2009) e Graduada (2006) em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP). *Learner designer (Kaospilot)*, coordenadora da área de Metodologia de Ensino e do Centro de Pesquisa e Ensino em Inovação, ambos da FGV Direito SP. As linhas de pesquisa abrangem direitos humanos, sistema jurídico africano, ensino jurídico brasileiro, métodos de ensino e tecnologia. Na FGV Direito SP, também coordenou o Observatório do Ensino de Direito e cursos de pós-graduação lato sensu. Foi professora da pós-graduação nas disciplinas de metodologia científica e internacionalização das áreas jurídicas. Já publicou e organizou diversas obras sobre direitos humanos, ensino jurídico e metodologias participativas de ensino, além de ministrar cursos de formação docente pelo Brasil.



GUILHERME FORMA KLAFKE (Líder de Projeto)

guilherme.klafke@fgv.br

Líder de projetos e pesquisador do Centro de Ensino e Pesquisa em Inovação da FGV DIREITO SP. Doutor (2019) e Mestre (2012-2015) em Direito Constitucional pela Universidade de São Paulo. Professor do programa de pós-graduação lato sensu da FGV DIREITO SP. É colaborador da Sociedade Brasileira de Direito Público desde 2011, onde coordenou a Escola de Formação Pública (2017). Foi professor de Filosofia do Direito da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo (2017-2018). Coordena e desenvolve pesquisas nas áreas de Direito Constitucional, Jurisdição Constitucional, Ensino Jurídico, Ensino Participativo, Direitos Humanos Digitais e Filosofia do Direito.

DEÍSE CAMARGO MAITO (Pesquisadora)

deise.maito@fgv.br

Pesquisadora do Centro de Ensino e Pesquisa em Inovação da FGV DIREITO SP. Doutoranda (2018-2021), no Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP-USP). Mestra (2017), pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Faculdade de Direito de Ribeirão Preto (FDRP-USP). Advogada (2015), formada pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). É coordenadora do Grupo de Estudos em Formação Docente e Metodologia do Ensino do Direito da FDRP-USP, desde 2018. Desenvolve pesquisas na área de Direitos Humanos, Educação, Saúde e Gênero.

